

O MISTÉRIO DO TIRO EM MARCHA

MAJOR GEORGE P. WHITTINGTON, JR.

Traduzido do Infantry Journal (setembro de 1949), pelo Cap. JOÃO B. SANTIAGO WAGNER do Q. G. da 6ª D.I.

Para aproximar-se do inimigo, a Infantaria tem de avançar; e para avançar tem de atirar. Quando os alvos humanos não são visíveis, o fogo de todas as armas da Infantaria deve bater toda a zona ocupada pelo inimigo.

O tiro em marcha reduz a precisão do fogo inimigo e aumenta a confiança do atacante. Fazer alto sob o fogo é loucura. Fazer alto sob o fogo e não revê-lo é suicídio. — General GEORGE S. PATTON Jr., in Instruções aos Corpos, Divisões e Comandantes de Unidades Independentes, em 3 de abril de 1944.

A Cia. de Fuzileiros começou o ataque através de um terreno plano e descoberto. A 2.000 metros à frente os alemães estavam enfileirados. Poucas metralhadoras automáticas de 20 mm os apoiavam, as posições situadas no ponto forte inimigo.

Tomada sob o fogo cerrado dos tanques e armas automáticas, a Companhia deteve-se; estava sem apoio da Artilharia. Impossibilitados de atacar, os homens procuraram escapar-se do fogo inimigo.

O Tenente Nate Serapan, Comandante da Cia., é entretanto agitado e valente. Ao longo da linha irregular dos seus pelotões de assalto ele manda a seguinte ordem: "Quando eu me levantar e começar a atirar todos deverão fazer o mesmo. Então, comecem a atacar".

Depois de uma pequena espera, o Tenente Serapan começou a atirar pisando de pé e avançou. Os membros dos seus dois pelotões imitaram-no.

Delimitando-se rapidamente, seus homens começaram a despejar um intenso fogo, que forçou o inimigo a encolher nos abrigos e então a Companhia apoderou-se da posição alemã, com poucas baixas.

Assim que, numa Companhia

de Fuzileiros, se descobriu o tiro em marcha. Seria melhor dizer que se redescobriu, pois que já havia sido usado em guerras anteriores. E, logo depois, quase esquecido.

Isto nos revela um ponto bastante importante. E não é verdade que, se não ensinarmos agora a executar o tiro em marcha, já empregado com tanto êxito durante a guerra, teremos de redescobri-lo novamente em uma guerra futura, no mais dispendioso dos laboratórios, o campo de batalha?

Os manuais de campanha se referem ligeiramente ao tiro em marcha em um ou dois parágrafos quando tratam do fogo no assalto (o que não é a mesma coisa), mas a técnica provavelmente não será explanada de uma maneira completa, como sua importância justifica.

Que é o tiro em marcha? Como é empregado?

Que é

A Companhia quando o emprega, adota a formação normal para o ataque. Dois pelotões em 1º escalão e um em reserva. Ambos os pelotões formam uma linha única, de forma irregular, com seus três grupos de combate em 1º escalão. Isto proporciona o fogo adicional

do 3º G.C. o que é preferível a uma linha de assalto formada só por 2 G.C.

Os fuzileiros atradores e os atradores da metralhadora leve também devem ficar colocados na primeira linha, com os demais homens. Assim que atravessarem a linha de partida, ficam sujeitos ao fogo do inimigo. Mas os pelotões de assalto não se deitam. Em vez disso, atiram com todas suas armas. Atirando com a arma na altura do quadril ou no ombro, os homens avançam na direção do inimigo. Algumas granadas de morteiro e artilharia caem em torno deles mas continuam a avançar, deitando-se somente quando absolutamente necessário.

Em breve chegam tão próximo, que a artilharia e os morteiros inimigos devem suspender seus tiros, a fim de não atingirem suas próprias tropas. Estonteados por uma saraivada de projéteis das armas portáteis o inimigo não pode fazer nada. Se permanecer deitado, os assaltantes investirão sobre ele e, se levantar seu corpo à altura das trajetórias, será abatido. Assim, não faz nada.

Quando por fim a infantaria de assalto atinge a posição inimiga, ele se rende ou é abatido à curta distância. A posição é tomada com um menor número de baixas do que se a Companhia tivesse empregado outros métodos.

Possivelmente alguém zombará desta descrição. Chamá-la-ão de fantasias de Hollywood. Mas considero esta técnica como uma das mais valiosas lições que aprendi em cinco campanhas, como Comandante de Cia. de Fuzileiros. E, se a tivesse conhecido antes, teríamos poupado vidas e conquistado terreno com mais facilidade. E não estou sozinho nesse alto conceito em que tenho o tiro em marcha. Centenas de combatentes veteranos concordarão comigo.

É verdade que não é no ataque a posições fortificadas, localidades ou densas florestas, que o tiro em marcha encontra seu clima ideal de emprego. Mas pode ser empregado, com sucesso, em tais condições.

É ideal quando empregado em terreno pouco ondulado, descampado ou através de matas de pouca densidade. É ainda particularmente valioso quando se ataca em terreno que oferece poucas possibilidades de cobertura e abrigo. Ali os fuzileiros podem usar toda a sua grande potência de fogo para compensar as desvantagens do terreno.

O efeito psicológico do tiro em marcha é uma das mais importantes razões para o seu emprego. Este efeito pode ser considerado sob dois aspectos: sob o ponto de vista do atacante e do defensor.

VANTAGEM PARA O ATACANTE

Atirar, enquanto avança, dá ao soldado maior confiança em si mesmo. Ele está, realmente, fazendo alguma coisa para eliminar o inimigo e não unicamente oferecendo seu corpo como um alvo ao fogo do defensor. Por saber que o êxito do seu ataque depende, na maior parte das vezes, da rapidez com que atinge a posição inimiga, o soldado procura abordá-la dentro do menor prazo possível. Ele não sente, como força imperiosa, a necessidade de procurar sua segurança no terreno.

Depois do soldado ter tomado parte em vários ataques, nos quais tenha empregado com sucesso o tiro em marcha, ele começa a sentir que não mais pode ser detido. Fica convencido que é melhor homem e melhor soldado do que o inimigo.

As sensações do defensor são bastante diferentes. Tive oportunidade de conversar com prisioneiros que sentiram os efeitos do fogo de atradores em marcha e observei as reações de grupos inimigos e homens isolados durante o tiro em marcha. As mais fortes sensações parecem ser de medo e de completo desamparo.

SENSAÇÕES DO DEFENSOR

O inimigo perde sua liberdade de ação. Deve permanecer deitado, pois que, praticamente, não há nenhum claro na saraivada de balas das armas portáteis que bate em redor dele. Ele não tem meios de

determinar o tamanho do atacante. A julgar do fogo, este deve ser maior do que muitos outros casos o inimigo retrair em segurança. A vantagem do atacante por conseguinte é próxima e superior ao inimigo em seu movimento. Este se alimenta à medida que o inimigo progride.

Não há dúvida que o tiro em marcha é apreciável às grandes distâncias. Mas isto é compensado pela perda de precisão e de eficiência do atacante em menores distâncias. O tiro em marcha é em relativa segurança, naturalmente, é possível que o inimigo seja gravemente ferido durante a aproximação. O tiro em marcha preparado para manter o fogo durante o movimento do inimigo tem esta vantagem inicial, e a marcha é um excelente meio para suprimi-la. Uma superioridade de fogo contínuo e pelo tipo.

ARMAS E TREINAMENTO

A eficiência do tiro em marcha depende das armas empregadas. As armas portáteis da infantaria prestam-se muito bem ao tiro em marcha. O fuzil semi-automático, por exemplo, não é satisfatoriamente adequado no quadril o que é da mesma forma o caso do fuzil Browning, e preferível uma arma de menor tipo.

A metralhadora leve pode ser usada no tiro em marcha. Um protetor de couro ou uma luva de amianto (uma luva de amianto) pode ser usada para a proteção da camisa perfurada da mão do atirador. O carregador pode ser usado em pedaços menores e tirá-las mais facilmente. Não obstante, muitos preferem levar o carregador comum sobre o

determinar o tamanho da força atacante. A julgar pela intensidade do fogo, este deve parecer muito maior do que realmente é. Em muitos casos o inimigo não pode retrair em segurança. O atacante tem a vantagem de estar de pé e por conseguinte sua observação próxima é superior à do homem encolhido em seu abrigo. Acrescenta-se a isso o entorpecente medo que aumenta à proporção que o atacante progride.

Não há dúvida que o efeito mortífero do tiro em marcha não é apreciável às grandes distâncias, mas isto é compensado pela possibilidade do atacante em avançar às menores distâncias, com rapidez e em relativa segurança. Isto, naturalmente, é possível porque a ação inimiga é grandemente limitada durante a aproximação.

O tiro em marcha pode ser empregado para manter a superioridade de fogo durante o ataque. Se o inimigo tem esta vantagem de fogo, inicialmente, então o tiro em marcha é um excelente método para suprimi-la. Uma vez obtida, esta superioridade é mantida pelo fogo contínuo e pelo avanço constante.

ARMAS E TREINAMENTO

A eficiência do tiro em marcha depende das armas e do treinamento. As armas portáteis da nossa infantaria prestam-se bem para o tiro em marcha. O fuzil M1, leve e semi-automático, pode fazer um fogo satisfatoriamente rápido, quando no quadril ou no ombro. É da mesma forma o fuzil automático Browning, embora seja preferível uma arma mais leve deste tipo.

A metralhadora leve também pode ser usada no tiro em marcha. Um protetor de couro ou pano (uma luva de amianto satisfaz plenamente) pode ser colocado em frente da camisa perfurada, para proteger a mão do atirador. As balas do carregador podem ser divididas em pedaços menores, a fim de torná-las mais fáceis para o manuseio. Não obstante, alguns atiradores preferem levar o carregador comum sobre o ombro e em

torno do corpo, estendendo-o quando necessário.

Tendo em vista as armas atuais, basta treinar os oficiais e soldados em aplicar o tiro em marcha. A este respeito, convém dizer que não scubemos dar o devido valor às lições aprendidas por alguns líderes da Infantaria na árdua escola do campo de batalha.

Estas lições deviam constituir assunto de nossa doutrina de instrução para o tempo de paz. Elas deviam estar incluídas em nossos atuais manuais de campanha. Deviam ser ensinadas em nossas escolas de aperfeiçoamento. Se não soubermos dar o devido destaque, nem ensinar a experiência aprendida na 2ª Grande Guerra, estaremos diminuindo a capacidade de combate do nosso infante de amanhã. Esperamos dar-lhe o melhor equipamento, mas somente isto não é o bastante. Devemos dar-lhe, também, o melhor treinamento possível.

Não digo que o tiro em marcha possa substituir os outros métodos. O princípio do fogo e movimento não é alterado pela inclusão do tiro em marcha. Nada impede o emprego de um elemento de fogo de apoio, ou base de fogo, se o mesmo pode ser empregado de acordo com as condições particulares. Sem dúvida, o elemento móvel de qualquer força de ataque seria treinado para empregar o tiro em marcha, a fim de vencer a resistência em sua zona de ação imediata.

A instrução para desenvolver a habilidade de empregar o tiro em marcha deve ser ministrada depois dos homens terem obtido uma qualificação em suas armas básicas. Essa instrução deve ser dividida em duas fases. Na primeira, o soldado é treinado isoladamente e, na segunda, os homens são treinados como membros de uma equipe.

A precisão e o controle devem ser ensinados durante a primeira fase. A maioria dos homens têm a tendência de manter a boca do cano do fuzil demasiadamente baixa. Isto faz com que os tiros caiam a pouca distância dos atiradores. Estes devem ser instruídos

a manterem a arma na horizontal a fim de que os tiros caíam, pelo menos, a algumas centenas de metros na frente dos atiradores mais avançados.

A instrução é capaz de fazer com que os homens realizem tiros surpreendentemente precisos, feitos com a arma no quadril. O exercício deve abranger tanto o tiro feito durante o alto, como em movimento.

A segunda fase da instrução deve incluir um cuidadoso controle do tiro feito de posições fixas e em marcha. Deve incluir o tiro de grupo, do pelotão e da companhia, em formações de ataque.

A marcação dos impactos nesses tiros, pode indicar a precisão dos tiros dados, mas não pode medir um dos mais eficazes elementos do tiro em marcha.

Infelizmente, o efeito psicológico do tiro em marcha não pode ser apreciado durante a instrução.

VANTAGEM PSICOLÓGICA

Somente quando existe o inimigo para ser dominado, é que o tiro em marcha nos apresenta todo seu valor, porque então os fatores físicos e psicológicos exercem sua influência sobre as forças adversárias. Uma comparação disto pode ser feita com os métodos de propaganda, tais como transmissões pelo rádio e volantes propondo a rendição. Estes não têm valor em manobras ou exercícios no terreno, mas sua importância na guerra é agora inteiramente apreciada. Entretanto, a técnica deve ser estudada e praticada em tempo de paz, de sorte que possa ser empregada eficientemente na guerra. O mesmo é verdadeiro para o tiro em marcha.

A infantaria treinada no emprego agressivo do tiro em marcha não se encontrará facilmente aferrada ao terreno. Treinados para empregar convenientemente suas próprias armas individuais, a fim de progredir e ensinados que a segurança, tanto quanto o êxito, consistem na tomada da posição inimiga, estes

infantes não se deixarão deter pelo fogo das armas portáteis. Sabendo que os altos desnecessários somente permitem que o inimigo seja alertado e ajuste o inevitável e mortífero fogo de artilharia e de morteiro, eles investirão sobre as posições inimigas.

Somente posso dizer que creio que, o tiro em marcha, é tão importante que, se eu fosse chamado para assumir o comando de uma companhia de fuzileiros, a fim de treiná-la para entrar em combate, daria prioridade um para a instrução e o treinamento do seu emprego. E creio que, quando meus homens tivessem adquirido realmente confiança no seu emprego em combate, eu estaria com uma tropa que não mais poderia ser detida.

Nota do tradutor:

Depois de fazer a presente tradução, ocorreu-me tecer algumas considerações a respeito da opinião do Major Whittington.

Inicialmente, desejo frisar que o objetivo é apenas o de provocar a reação de nossos camaradas sobre esse assunto que, penso, pouco ou nada tem sido tratado. Sendo o objetivo de "A Defesa Nacional" melhorar o nível profissional de nosso Exército, julgo oportuno deixar aqui o convite para que nossos companheiros que tiveram a oportunidade de estar em contato com a realidade do campo de batalha, emitam sua opinião a respeito.

É preciso vermos, no entanto, que o caso presente, focalizado pelo articulista, refere-se a um caso particular: a tropa estava sem apoio de Artilharia e o terreno era plano e descoberto. Além disso, o fogo inimigo não tinha as características de uma barragem.

Para finalizar, quero fazer uma pergunta que me fez um companheiro a quem mostrei a tradução: "Será que, abusando do tiro em marcha, não estará o atacante gastando munição em excesso e podendo depois ficar em dificuldade, se o inimigo desencadear um contra-ataque?"

Entre os
simplificar e
a Régua de

Em 1946
ênção II/1º
a Unidade
Krupp C/26,

Não hav
Gráfica de T
m quais tam
cumentos e f
bria do Major
de 1944 d'A
que desejávan

Fixamos o
mente o desen
adota o modu
A parte f
surgente e de
ciais dos ângu

1. Escala

É uma esca
1:10 em 100 m

1.000

